

## Março de 2020

O IPRESF é uma fundação municipal, instituída pela lei 72 de 10 de julho de 2015, para ser o RPPS (Regime Próprio de Previdência) municipal. É um regime de previdência Público para os servidores públicos municipais do município de São Francisco do Sul.

Desde a aprovação da lei, a arrecadação das contribuições previdenciárias passou a ser destinada ao IPRESF, investida e gerida por esta fundação na forma da legislação e normas em vigor para gestão dos investimentos.

As instituições que recebem as aplicações, assim como todas movimentações financeiras, são supervisionadas pelo Ministério da Economia por meio da Secretaria da Previdência, pelo Tribunal de Contas do Estado de Santa Catarina, pelo Banco Central, pela Comissão de Valores Mobiliários, pela empresa contratada pelo IPRESF para prestação de serviços de consultoria e assessoria em mercado financeiro e de capitais, pelo Comitê de Investimentos (órgão colegiado composto por servidores municipais), Conselho Fiscal (órgão colegiado composto por servidores municipais), Conselho Administrativo (órgão colegiado composto por servidores municipais), equipe de gestão do IPRESF, órgãos interessados (Câmara de Vereadores, Sindicatos, Associações, Imprensa, etc.).

Dito isto, a diretoria do IPRESF, vêm informar sobre os fatos ocorridos nos mercados financeiros globais durante o mês de março de 2020 com a crise da pandemia do COVID-19, e de que maneiras estes fatos impactaram os resultados de investimentos neste mês.

O surgimento da doença COVID-19 (síndrome respiratória aguda grave 2 - SARS-CoV-2) ocorreu na cidade chinesa de Wuhan (província de Hubei), propagando-se para o mundo inteiro semanas depois. Inicialmente não recebeu tanta importância por parte dos gestores de investimentos. Isto por já terem sido vivenciadas situações semelhantes com a SARS e MERS (síndromes respiratórias agudas). Estas causaram crises localizadas na Ásia e duraram 3-6 meses. Quando o COVID-19 surgiu o mercado entendeu que seria uma reprise destes episódios. Os gestores brasileiros se preparam para repercussão de eventos secundários, tais como: impactos que a desaceleração da China vai causar no mundo, especialmente no Brasil. Essa foi a razão de, num primeiro momento, os mercados terem se mantidos “um pouco lenientes”.

A surpresa ocorreu após a sexta-feira de carnaval, durante o recesso, quando os noticiários passaram a informar a propagação da doença pela Europa e Oriente Médio. Isto causou preocupação adicional em todos os participantes do mercado. A “*quarta-feira de cinzas*” fez valer o seu nome. Os isolamentos decretados (*lockdowns*) causaram apreensão adicional, e os mercados começaram a se preparar para o inesperado. Foi quando a bolsa saiu dos 115 mil pontos para oscilar em torno dos 100 mil pontos. Isto ascendeu o sinal amarelo pra todos os compradores e vendedores de ativos financeiros.

A Organização Mundial da Saúde (OMS) classificou a situação da propagação da doença como pandemia em março. Os mercados financeiros globais, assim como cadeias de suprimentos, cadeias de produção, comércio internacional, mercados cambiais, e outros segmentos econômicos colapsaram, gerando busca generalizada por segurança e aversão ao risco (*risk off*). Se antes havia uma “esperança” de que a doença ficaria restrita ao território chinês, essa esperança foi descartada.

Como se não bastasse, além da crise do COVID-19 tivemos a guerra do preço do petróleo. Há 50 anos o acordo da OPEP é mantido pelos países produtores, sem grandes conflitos. Resumindo em poucas palavras, durante o mês de março, após uma reunião da OPEP em Viena no dia 8, a Rússia e a Arábia Saudita se desentenderam e a Rússia se retirou da negociação. Tentando pressionar a Rússia a voltar para negociação, a Arábia Saudita

baixou seus preços em 10% e anunciou aumento da sua produção a partir do mês seguinte. O resultado não foi o esperado e a Rússia, em resposta, ordenou que suas empresas petrolíferas extraíssem o quanto pudessem para pressionar os custos de extração do gás de xisto norte-americano. E em meio a uma crise de demanda, por conta do Corona Vírus, veio uma crise de oferta, com uma desvalorização de 30% no preço do petróleo de um dia para o outro (o que não acontecia desde a Guerra do Golfo em 1991). No mês a desvalorização foi de quase 60%. Em consequência a bolsa americana amargou maus resultados, e tivemos um efeito dominó nos mercados financeiros mundiais.

No Brasil, tivemos ainda, em 11 de março, a discussão fiscal, com a queda de braços entre o congresso e o planalto na questão do aumento do BPC (benefício de prestação continuada). O congresso derrubou o veto presidencial e o mercado entendeu isto como aumento do déficit por maior período – risco fiscal de longo prazo. Problema esse endereçado pelo STF dias depois.

Já sofremos derrocadas antes, mas nada comparável à atual crise. Em 8 dias tivemos 6 *circuit breakers* (dispositivo que trava a bolsa de valores devido a uma oscilação negativa igual ou maior que 10%). Todos os segmentos de investimentos sofreram perdas em diferentes intensidades. A carteira de investimentos do IPRESF, também foi impactada. Houve forte desvalorização momentânea, em parte já recuperada.

Metaforicamente a carteira de investimentos do IPRESF se compara a um imóvel, que normalmente é avaliado entre R\$250mil e R\$300mil, e que com o impacto da crise os únicos compradores disponíveis estão oferecendo R\$100mil ou menos. A suposta perda financeira só ocorrerá se a venda da casa ocorrer nestas circunstâncias. Nesse nosso exemplo, talvez fosse o momento de comprarmos outros imóveis, pois muitos donos estão desesperados com a crise e “realizando o prejuízo”. É certo que o momento não é de vender, talvez seja o momento de aproveitarmos os “bons” preços e comprar.

Outros episódios do passado geraram os mesmos movimentos (busca por ativos de segurança). Destacamos a Crise dos gigantes da Ásia, Crise do rublo Russo, Crise das empresas de telecomunicações, Ataque às Torres Gêmeas, Crise do *subprime* imobiliário norte-americano, Impeachment presidencial, “*Joesley day*”, greve dos caminhoneiros, etc. Estes episódios nos servem para constatar que em todos os casos tivemos recuperação.

Mensurar o tamanho do problema e das repercussões, e o tempo que levaremos para recuperação é tarefa impossível. A forma como a doença se alastrou pela Europa e Oriente Médio e depois para os Estados Unidos, é a realização de um dos pesadelos mais temidos pelos economistas e governantes. Um problema de saúde pública que atinge em cheio a economia e nem mesmo os cientistas mais renomados da área puderam apresentar uma explicação que pudesse por luz sobre a situação.

As crises anteriores não se comparam à intensidade Crise da Pandemia do COVID-19. Este mês de março foi o pior mês para os mercados financeiros mundiais desde a crise do *subprime* americano em 2008. Os mercados acionaram o “modo pânico” na ânsia de diminuir risco (*risk-off*). Também foi o pior mês para os resultados no Brasil, não foi diferente com a carteira de investimentos do IPRESF.

Nesse cenário, não há perspectiva de crescimento positivo para economia global. O Relatório Focus do Banco Central já aponta encolhimento da ordem de três por cento para 2020. No início de janeiro a projeção de crescimento do país era de +1,17%. Este não é um problema do Brasil, é uma condição mundial. O FMI (Fundo Monetário Internacional) projeta a diminuição de três por cento para a economia mundial em 2020.

Diversas medidas excepcionais alteraram o cotidiano das pessoas. Confinamentos, fechamentos de estabelecimentos, fechamentos de fronteiras, uso obrigatório de máscaras, distanciamento mínimo, foram algumas das mudanças percebidas (impostas). Na economia vimos reduções de taxas básicas de juros,

incentivos e subsídios governamentais, para manter empresas vivas, subsídios para as pessoas físicas manterem condições mínimas de sobrevivência, foram algumas das consequências do COVID-19.

É muito difícil traçar um cenário base que sustente qualquer estratégia. Por esta razão o IPRESF por meio de seu Comitê de Investimentos e equipe de gestão, evitará movimentos mais drásticos e amplos nos investimentos, manterá a cautela e prudência com os ativos de maior volatilidade, seguindo a legislação, a política e estratégia de investimento para 2020. Diante das incertezas trabalhamos com algumas constatações:

- 1) O problema não é econômico, tampouco financeiro; é sim um problema generalizado que inicia no campo da saúde pública e permeia todas as atividades econômicas das nações. Isto faz com que o problema, por sua característica, exija "solução" complexa em várias áreas simultaneamente;
- 2) As consequências da crise em outras áreas perdurarão por mais tempo que o problema na saúde pública;
- 3) Em alguns momentos os governos não conseguirão agir, ficarão como expectadores dos problemas;
- 4) Não temos poder ou habilidade para prever qualquer cenário exato para o futuro, pois lidamos com um problema diferente de qualquer outro que já nos tenha sido posto;
- 5) Esta é a crise mais complexa e talvez a mais difícil já vivida pela sociedade moderna;
- 6) Na economia os juros reais tenderão para níveis ainda menores que aqueles já observados. Países emergentes convergirão para juros nominais mais próximos de zero no curto/médio prazo;
- 7) O endividamento público de todos os países subirá em consequência dos pacotes de suporte à renda mínima para as pessoas e suporte financeiro às empresas;
- 8) O cenário de curto e médio prazo é desinflacionário. Entretanto, com o cenário adverso no longo prazo a capacidade de subsistência de empresas em determinados setores será posta a prova, os impactos desta crise e da atuação dos governos (no longo prazo) são, ainda, desconhecidos;
- 9) A economia norte-americana será o termômetro do mundo ocidental e ditará o ritmo de recuperação global, dada sua dinâmica e importância.
- 10) Apesar de poder acompanhar erros e acertos de outros países e ajustá-las, contando com clima sensivelmente mais quente que a maioria das nações, o Brasil tem uma posição particularmente frágil devido a incapacidade de resposta efetiva à doença, fundamentos econômicos falta de infraestrutura e problemas políticos.

---

3

Com isto, o IPRESF reforça o seu compromisso de manter sua equipe empenhada na busca de bons resultados, no bom atendimento aos seus segurados, na busca pela garantia de liquidez, segurança, solvência, transparência e cumprimento das obrigações legais.

Se coloca a disposição de todos os interessados para esclarecimento de dúvidas e informações adicionais que eventualmente sejam necessárias.

Diretoria do IPRESF

São Francisco do Sul (SC), 20 de abril de 2020.